

Vamos *rezar* juntos?

O encontro consigo mesmo

Para poder encontrar a Deus, devo, antes de tudo, encontrar a mim mesmo. Devo estar consciente de mim mesmo. Contudo, normalmente, eu não estou. De fato, se me observo, descubro que os pensamentos vagueiam de um lado para outro; descubro estar em alguma parte com os meus pensamentos, mas de não estar consciente de mim mesmo. Não tenho nenhum contato comigo mesmo; os pensamentos me arrancam de mim mesmo e me conduzem para outro lugar. Não sou eu quem pensa, mas, ao contrário, pensa-se impessoalmente em mim, de modo que os meus pensamentos se tornam independentes e ocultam o meu verdadeiro eu. O primeiro ato da oração é que devo entrar, antes de mais nada, em contato comigo mesmo. Isto nos foi ensinado de novo pelos padres da Igreja e pelos primeiros monges. Cipriano de Cartago escreve: “*Como podes pretender que Deus te escute, se tu não escutas a ti mesmo? Tu queres que Deus pense em ti, quando tu mesmo não pensas em ti?*”. Se não estás consciente de ti mesmo, como podes pretender que Deus esteja de ti? Se eu não estou em casa, também Deus não pode me encontrar, se ele quisesse vir a mim. Escutar a si mesmo significa, antes de tudo, escutar ao seu verdadeiro ser, entrar em contato consigo mesmo; mas significa também dar ouvidos aos próprios sentimentos e necessidades, a tudo aquilo que se agita dentro de mim. Escutar a si mesmo, entrar em contato consigo e com as próprias necessidades mais íntimas, é, para Cipriano, a condição necessária para se entrar em contato com Deus na oração.

A oração não é uma fuga piedosa de si mesmo, senão um encontro sincero e impiedoso consigo. Evágrio Pôntico assim escreve: “*Se queres conhecer a Deus, aprende primeiramente a conhecer a ti mesmo*”. Esta não é uma psicologização da fé, porém uma condição necessária da oração. Se me lanço rapidamente à fuga através de palavras ou de sentimentos piedosos, a oração não me conduz a Deus, mas somente aos amplos espaços vazios da minha fantasia. Devo, primeiramente, escutar a minha interioridade com toda a honestidade. No encontro com Deus, devo antes de tudo encontrar a mim mesmo. E nós não podemos dizer que coisa ocorre por primeiro: se o encontro consigo mesmo como condição para o encontro com Deus ou o encontro com Deus como condição para o encontro consigo mesmo. Ambas as coisas pressupõem umas às outras e se aprofundam reciprocamente. Todavia, encontrar a mim mesmo não significa girar continuamente ao redor de mim mesmo e dos meus problemas ou analisar



Vamos *rezar* juntos?

a minha situação psíquica, mas defrontar-me com minha verdadeira identidade, encontrar a via que conduz ao meu eu, ao meu verdadeiro núcleo pessoal.

O problema reside no modo como eu posso proceder até chegar ao ponto de poder pronunciar verdadeiramente a palavra “eu”. Um meio consiste em perguntar-se continuamente: quem sou eu? Então receberei espontaneamente as respostas ou as imagens. E a cada resposta replico assim: não, este não sou eu, esta é somente uma parte de mim. Eu não sou aquele que os meus amigos acreditam que eu seja, não sou aquele que eu mesmo acredito que seja. Não me identifico com o papel que represento diante de quem me conhece, e menos ainda com a máscara com a qual me revisto diante dos estranhos. Posso observar que na Igreja me comporto de modo diverso de como ajo no trabalho; e, estando em casa, de modo diverso de quando estou em público. Quem sou eu verdadeiramente? Não me identifico sequer com os meus sentimentos e com os meus pensamentos. Os pensamentos e sentimentos estão dentro de mim, porém não absorvem completamente o meu eu que pode ser encontrado para além de qualquer forma de pensamento ou sentimento. Não podemos definir nem fixar este eu. Porém, se continuarmos a nos aprofundar sempre mais em nós mesmos colocando-nos as perguntas, teremos uma ideia do mistério do nosso próprio eu. Este ‘eu’ inclui algo mais do que a mera distinção em relação aos outros, mais do que o núcleo pessoal consciente, mais do que o resultado da história da minha vida. O ‘eu’ significa: sou chamado por Deus pelo meu nome, com um nome inalienável. Sou uma palavra que Deus diz somente dentro de mim. O meu ser não consiste na minha capacidade, no meu saber e muito menos no meu sentir; todavia, ele se constitui na palavra que Deus diz somente em meu interior e que neste mundo pode ser percebida somente dentro de mim e através de mim. Assim, encontrar-se a si mesmo significa ter ideia daquela única palavra de Deus em mim. Deus já falou através de minha existência, pronunciou sua palavra em mim. Rezar, enquanto um modo de encontrar a si mesmo, significa encontrar Deus no seu mistério mais profundo, aquele Deus que voltou-se para mim e que se manifestou em meu interior.

Um outro meio para encontrar o próprio ‘eu’ pode estar relacionado à própria respiração. Quando expiro, me dou conta de que abandono todas as máscaras e papéis, tudo aquilo que altera o meu ser. E, quando inspiro, imagino que o Espírito de Deus entra em mim e deixa crescer o núcleo verdadeiro, a essência não falseada, como



Vamos *rezar* juntos?

acontece com um broto ainda intacto. Pois quando inspiro, entro em contato com meu núcleo mais íntimo, com o eu verdadeiro, com a imagem que Deus formou de mim. Também neste caso não consigo fixar o eu; ao respirar sinto somente ter descoberto o mistério que constitui minha unidade. Se quero encontrar a Deus, devo ao menos ter-me aproximado um pouco mais do meu verdadeiro eu; devo ter pelo menos uma certa noção de quem sou eu realmente.

Fonte: “A Oração como Encontro”, Anselm, Grüm – Ed. Vozes

Ó Deus! Formosura sempre antiga e sempre nova - quão tarde Te ameii!... Tu estavas em meu coração - e eu Te buscava lá fora... Tu estavas comigo mas eu não estava Contigo... e, então, Tu me chamaste em altas vozes... Rompeste a minha surdez... relampejaste e afugentaste a minha cegueira... recendeste suaves perfumes em torno de mim, e eu os sorvia – e, agora, vivo a suspirar por Ti... Saboreei-Te, e, agora, tenho fome de Ti... tocaste-me de leve – eu me abrasei em tua paz. Quanto mais Te possuo, tanto mais Te procuro... Que eu me conheça a mim para que Te conheça a Ti.

(Confissões de Sto. Agostinho)

Dom Paulo de Conto

